

Mateus Rebelo Benites – Orientadora: Giana Bitencourt Frizzo

A comunicação é um indicador importante do desenvolvimento social e linguístico da criança. Gestos convencionais, embora precedam a linguagem verbal, não desaparecem no curso do desenvolvimento da linguagem e são assim denominados por serem compreendidos por todos em um determinado grupo cultural (Guidetti, 2002). Distúrbios na gestualidade podem indicar precocemente transtornos do desenvolvimento, o que justifica a importância deste campo de investigação.

Objetivo

O objetivo do presente estudo é a replicação do estudo realizado por Guidetti (2002), de forma a definir quais são os gestos convencionais produzidos pelas crianças brasileiras aos dois anos de idade e qual sua forma e sua função.

Participantes

- 12 díades mãe-bebê que faziam parte do projeto “Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da gestação à Escola” (Piccinini et al, 1998).
- A idade média das mães era 24,75 anos (Dp=5,24) e a escolaridade média foi de 9 anos (Dp=3,4).

Instrumentos

- Ficha de Contato Inicial (GIDEP, 1998^a)
- Observação da Interação Familiar (GIDEP, 2000)

Análise dos dados

Os vídeos das interações mãe-criança foram analisados por 2 pesquisadores, a fim de identificar e classificar os gestos convencionais produzidos pelas crianças conforme as 11 categorias de formas (Apontar, Acordo, Recusa, Bravo, Adeus, Eu não me importo, Calma, Atenção, Meu, Silêncio e Pedir) e 4 categorias de funções (gesto assertivo, diretivo, expressivo e comissivo) Os gestos podiam ou não ser acompanhados de fala.

Resultados

A Tabela 1 apresenta a correspondência entre as formas e funções dos Gestos Convencionais. Os gestos com função diretiva foram representados por um número maior de diferentes formas de gestos na amostra brasileira, seguidos pelos gestos assertivos.

Tabela 1 - Correspondência entre Formas e Funções dos Gestos Convencionais

Fomas/Funções	Assertivo	Diretivo	Expressivo	Comissivo
Apontar	x	x		
Acordo	x	x		
Recusa	x	x	x	
Bravo			x	
Adeus	x			
Eu não me importo	x	x		x
Calma				
Silêncio		x		
Atenção				
Meu				
Pedir		x		x

Na Tabela 2 estão apresentados a média e o desvio-padrão dos gestos apresentados por categoria:

Tabela 2 - Categorias de gestos observados (média de ocorrências por categoria; desvio padrão entre parênteses)

Apontar		Acordo		Recusa		Bravo		Adeus		Eu não me importo	
m	Dp	m	Dp	m	Dp	m	Dp	m	Dp	m	Dp
10,099	(10,486)	2,092	(2,717)	7,096	(5,727)	0,675	(1,582)	0,523	(1,812)	2,761	(4,138)
Calma		Silêncio		Atenção		Meu		Pedir			
m	Dp	m	Dp	m	Dp	m	Dp	m	Dp		
0,00	(0,00)	1,906	(4,102)	0,00	(0,00)	0,00	(0,00)	5,407	(7,539)		

A média de diferentes gestos foi de 4,33, sendo que o mínimo foi de 2 e o máximo foi de 8, com um desvio padrão igual a Dp=1,83.

Tabela 3 - Média dos diferentes Gestos Convencionais produzidos

Média	Desvio Padrão	Máximo	Mínimo
4,33	1,83	8,00	2,00

Discussão

A maioria dos gestos das crianças brasileiras se enquadraram nas funções assertiva e diretiva, enquanto as crianças francesas apresentaram também gestos expressivos.

Apontar, Acordo e Recusa se mostraram os gestos mais utilizados no estudo realizado por Guidetti (2002), enquanto no nosso estudo Apontar e Recusa sobressaltaram. Uma peculiaridade do estudo brasileiro foi a inclusão da categoria pedir, que teve grande incidência e não pareceu no estudo francês.

Na amostra francesa a média de diferentes gestos produzidos foi de 4,4 (mín. 3 e máx.7), na nossa a média foi de 4,33 (mín. 2 e máx. 8). No Brasil o Acordo e o Silêncio mostraram uma média elevada mesmo não estando entre os três principais, enquanto no estudo francês a média das outras formas de gesto ficou bem abaixo dos três principais. Porém neste, o Apontar teve uma média no mínimo três vezes maior que a das demais formas de gesto mais usadas, o que não foi observado no presente estudo.

Considerações finais

No presente estudo houve uma maior variedade nos diferentes gestos das crianças, pois as crianças francesas utilizaram principalmente 3 formas de gestos, enquanto as brasileiras variaram entre 5 formas, corroborando Iverson (2008), que indicou que o volume e os tipos de gestos apresentados variam de acordo com o meio e a cultura em que a criança se desenvolve.

Ainda, nosso estudo mostrou que em 11 dos 12 casos as combinações de gestos e fala se sobressaíram ao uso do gesto sozinho, principalmente quando utilizados com função diretiva. Esses resultados indicam a ocorrência do que Guidetti (2008) colocou como a complementação ou adição de significado através do gesto, uma vez que os gestos diretivos são usados para expressar vontade, logo a adição de gestos como complemento para fazer entender essa vontade é esperada. Também ratificam as colocações de Marcos, Ryckebusch & Rabain-Jamin (2003), sobre o uso de gestos para complementar ou reforçar significados.

Novos estudos devem ser realizados a fim de esclarecer melhor os gestos convencionais utilizados por crianças brasileiras, assim como para ajudar a definir padrões que ajudem na identificação precoce de transtornos do desenvolvimento quando estes gestos não estão presentes ou encontram-se alterados.

Referências

- GIDEP (1998a). Ficha de contato inicial. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- GIDEP (2000). Observação da interação familiar. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Guidetti, M. (2002). The emergence of pragmatics: Forms and functions of conventional gestures in young French children. *First Language*, 22(3), 265–285.
- Guidetti, M. & Nicoladis, E. (2008). Introduction to special issue: Gestures and communicative development. *First Language*, 28(2), 107–115.
- Iverson, J. M., Capirci, O., Volterra, V., & Goldin-Meadow, S. (2008). Learning to talk in a gesture-rich world: Early communication in Italian vs. American children. *First Language*, 28(2), 164–181.
- Marcos, H., Ryckebusch, C., & Rabain-Jamin, J. (2003). Adult responses to young children's communicative gestures: Joint achievement of speech acts. *First Language*, 23(6), 213 – 237.
- Piccinini, C.A., Tudge, J.R., Lopes, C.C.S. & Sperb, T.M. (1998) “Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da gestação à Escola”. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Projeto não publicado.